



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

DAVI ROCHA DE CASTRO

**A GEOGRAFIA ESCOLAR E A TENSÃO IDENTITÁRIA: REFLEXÕES SOBRE A
REPRESENTAÇÃO DE LATINIDADES**

FORTALEZA

2019

DAVI ROCHA DE CASTRO

A GEOGRAFIA ESCOLAR E A TENSÃO IDENTITÁRIA: REFLEXÕES SOBRE A
REPRESENTAÇÃO DE LATINIDADES

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Profº. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C35g Castro, Davi Rocha de.

A geografia escolar e a tensão identitária : reflexões sobre a representação de latitudes / Davi Rocha de Castro. – 2019.

33 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.

1. Geografia. 2. Geografia Escolar. 3. Latinidade. 4. Alteridentidade. 5. Representações sociais. I. Título.

CDD 910

DAVI ROCHA DE CASTRO

A GEOGRAFIA ESCOLAR E A TENSÃO IDENTITÁRIA: REFLEXÕES SOBRE A
REPRESENTAÇÃO DE LATINIDADES

Artigo apresentado ao Curso de
Graduação em Geografia da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Geografia.

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ms. Jacquicilane Honorio de Aguiar
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFC)

Profa. Vlória Evans Gomes da Silva
Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

A Deus.

AGRADECIMENTOS

A escrita talvez seja uma das mais audaciosas invenções humanas, nela nos propomos a sintetizar todo o turbilhão que compõe a realidade externa e os nossos sentimentos em pequenos signos, o que parece impossível frente à complexidade da existência. Ainda assim, procurarei a seguir expressar os meus sentimentos com relação a todos aqueles que considero fundamentais no término desta caminhada.

Meu primeiro agradecimento vai para o meu recém conhecido, mas também maior amigo, Deus, ao qual tenho uma dívida infinita por todos os momentos que me permitiu experimentar. Agradeço também aos meus pais, quem eu sou hoje, com todas as falhas e virtudes muito se devem a vocês, guerreiros que permitiram sempre que eu tivesse o melhor que poderiam me proporcionar.

Para minha querida amada, Ana Beatriz, com quem compartilhei esses quatro anos e pretendo compartilhar toda minha história, só tenho a agradecer pelas incontáveis vezes em que fui salvo pelo seu sorriso e gentileza. Se hoje sou uma pessoa mais gentil e amável do que jamais imaginaria ser, em grande parte devo isso a você, uma pessoa tão boa e gentil que os maus não têm o direito sequer de gostar.

Agradeço também ao meu orientador Christian Dennys, uma personalidade única cuja a felicidade contagia a todos a sua volta, mesmo em momentos que não imaginava, a sua simpatia me causou risos, e seus conselhos orientaram a mim muitas vezes. Ao meu primo e grande amigo ao longo da graduação, Marcos, devo a você muitos puxões de orelha e conselhos que muito contribuíram para a minha formação.

Aos meus incontáveis amigos que fiz no decorrer da graduação, Eliomara, Júlio, Michele, Gabriel, Cleiciane, Beatriz, Guaracy, João Marcos, etc, devo a vocês muitos sorrisos e conselhos, pois todos vocês contribuíram por estarem presentes ao longo desses quatro anos, trabalhando e se divertindo comigo.

Aos meus amigos de escola, ao qual nutro uma grande amizade até hoje, Pedro, Lucas, Gabriel e Guiliano, tenho só a agradecer pelo refúgio que foram quando me encontrava cansado da universidade, os jogos e a diversão que

experimentamos juntos em várias ocasiões permanecem vivos dentro de mim enquanto memórias. Dentre os meus amigos de fora da universidade, agradeço em especial ao Gustavo, nossa amizade é a prova de que nenhuma distância é capaz de romper um laço fraternal quando sólido o suficiente.

Além disso, dedico também um agradecimento especial para as minhas amigas Carol e Hellen, apesar de não as conhecê-las por muito tempo, tenho ciência de que são ótimas pessoas e lhes desejo o bem. Aos inúmeros outros que não puderam ser citados nessas breves linhas, peço desculpas, mas me defendo pois acredito que os meus agradecimentos a vocês permanecem em um lugar muito mais importante que uma folha de papel.

RESUMO

O presente trabalho procura investigar a influência da Geografia e da Geografia Escolar no afastamento da identidade latina brasileira, entendendo esta última enquanto uma *alteridentidade* conflituosa. Para isso, foram realizados levantamentos bibliográficos para investigar a influência da ciência geográfica na construção da identidade nacional, além de uma investigação acerca do que se compõe a identidade latina e quais as razões para o afastamento. Por fim, ocorreu a realização de questionários na EEEP Professor Antônio Valmir da Silva, em vista de entender como os alunos se sentiam com relação a identidade latino-americana e brasileira e como elaboravam suas representações sobre ambos. O trabalho concluiu que na composição da identidade nacional, a geografia desempenhou um papel fundamental no mito do edenismo brasileiro, mito este que atua como principal antagonista para a identificação do brasileiro enquanto latino, pois o mesmo possui uma identidade consolidada a partir de bases territoriais, e não culturais, que permitiram uma maior identificação com a região.

Palavras-chave: Geografia. Geografia Escolar. Latinidade. Alteridentidade. Representações sociais.

ABSTRACT

The present work seeks to investigate the influence of Geography and School Geography in the distance from the Brazilian Latin identity, understanding the last one as a conflicting alteridentity. For this, bibliographic surveys were conducted to investigate the influence of geographical science on the construction of a national identity, as well as an investigation into what constitutes Latin identity and the reasons for its removal. Finally, questionnaires were held at EEEP Professor Antônio Valmir da Silva, in order to understand how students felt about Latin American and Brazilian identity and how they made their representations about both. The work concluded that in the composition of national identity, geography played a fundamental role in the myth of Brazilian edenism, a myth that acts as the main antagonist for the identification of Brazilians as Latin, since it has a consolidated identity based on territorial bases, and not cultural, which allowed a greater identification with the region.

Keywords: Geography. School Geography. Latin. Alteridentity. Social representations.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - EEEP Professor Antônio Valmir da Silva..... | |
| 14 | |
| Figura 2 - Gráfico - "Grau de Identificação com Latinidade"..... | 25 |
| Figura 3 - Gráfico - "Existem muitos conteúdos relacionados a América Latina nas aulas e nos livros didáticos?"..... | 27 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | A NAÇÃO À FRENTE: A GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL..... | 16 |
| 3 | CONSTRUÇÃO DA AMÉRICA LATINA: IDENTIDADE, POESIA E GEOPOLÍTICA | 19 |
| 4 | ALTERIDADE E REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS DA AMÉRICA LATINA..... | 23 |
| 4.1 | Cooperações regionais, identidades nacionais e intercâmbio cultural..... | 23 |
| 4.2 | Tensões Identitárias na Escola Prof. Ant. Valmir da Silva..... | 24 |
| 4.3 | As representações sociais dos alunos sobre o Brasil e a América Latina: experiências docentes na Antônio Valmir | 28 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 31 |
| | REFERÊNCIAS | 33 |

1. INTRODUÇÃO

O Ensino de Geografia possuiu historicamente também uma função política, conforme apontado por Yves Lacoste (1988) em sua obra clássica, um dos primeiros deveres da Geografia Escolar nos estados recém-formados do século passado foi a construção de um sentimento nacional. Essa função de construção de identidade também foi presente no Brasil, como expõe Sousa Neto (2000), a ciência geográfica e o seu ensino contribuíram à construção de uma identidade nacional e na elaboração de mitos para legitimar o país, mitos estes fundamentados na natureza que procuravam apresentar o território brasileiro como dádiva natural.

No caso brasileiro, essa construção de uma identidade nacional assumiu particular importância, pois a unidade nacional foi vista como um objetivo a se manter. De acordo com Porto-Gonçalves (2006), a unidade nacional foi obtida através de um pacto conciliatório entre as oligarquias das diferentes províncias do Brasil, tudo isto para assim manter com maior estabilidade os privilégios latifundiários e a escravidão que eles viam como possivelmente ameaçados por uma revolta dos oprimidos.

Portanto, é possível perceber que uma das características da Geografia enquanto ciência acadêmica e da Geografia Escolar é a construção de uma identidade nacional brasileira. No nosso país, esta característica recebeu bastante ênfase e a construção e procura de um fundamento de uma identidade nacional foi importante em nossa história como, por exemplo, na Era Vargas.

No entanto, essa ênfase na busca da identidade nacional pode ter resultado em um efeito negativo na construção de outra identidade, a latino americana. É possível que o enfoque maior dado a brasilidade tenha feito com que o brasileiro enxergasse aspectos latino-americanos como secundários ou até como exclusividade sua, ao mesmo tempo que o brasileiro tem consciência de seu pertencimento a América Latina, trata este pertencimento como secundário por priorizar a nação.

Esta hipótese pode ser sustentada através de uma pesquisa recente, realizada no ano de 2015 pelo Centro de Investigação e Docência em Economia do México, essa pesquisa demonstrou que apenas 4% dos brasileiros se autodenominam prioritariamente como Latinos, este fato contrasta com os outros seis países latinos envolvidos que apresentam uma média de 43% de identificação. Apesar disso, a maioria dos brasileiros ainda assim anseiam ter uma liderança regional sobre os demais países, este fato demonstra que o brasileiro pode até se enxergar latino, no entanto, apenas quando lhe convém para liderar uma região (BBC, 2015).

Dito isto, pode-se fazer algumas afirmações: Primeiro, a identidade latino-americana se apresenta até aqui como uma *alteridentidade*. *Alteridentidade* esta que, como apontada por Oliveira (2014), se baseia em um pertencimento ao interior de outras culturas.

Ou seja, a identidade latino-americana pode ser vista como de fato existente, e se manifesta como uma *alteridentidade*, no entanto, no Brasil, esta *alteridentidade* apresenta um caráter conflituoso, não que seja particular desta nação, mas que ganha bastante ênfase pelo histórico enfoque dado a identidade nacional, o que cria um conflito entre a identidade regional e identidade nacional.

Diante disso, existe a possibilidade da abertura de uma série de questionamentos, e a pesquisa teve como objetivo responder às seguintes perguntas: Como a Geografia e a Geografia Escolar contribuíram e contribuem para o afastamento da identidade latina? De que maneira a ênfase na identidade nacional brasileira contribuiu para o afastamento da identidade latino-americana?

Para responder estas perguntas, foi feita uma análise acerca da importância da questão da identidade nacional na Geografia, de que maneira ela atuou e atua até hoje para o fortalecimento da identidade nacional, além de também investigar a natureza da contradição entre a identidade nacional e a identidade latino-americana, por que uma aparenta impedir o desenvolvimento da outra?

Este trabalho busca não só identificar as causas do presente e do passado que resultaram nessa *alteridentidade* conflituosa, como procura também aperfeiçoar e pensar novos meios de se trabalhar a questão da identidade nacional e a identidade latino-americana, visando atender às novas demandas e exigências que

surgem no mundo contemporâneo com relação a latinidade, como sua crescente relevância no cenário internacional. Este trabalho se faz ainda mais importante em vista do discurso extremamente nacionalista que atua no Brasil de hoje, nacionalismo esse que pode acabar por superestimar a nação e reforçar ainda mais a *alteridade* latino-americana a segundo plano, ameaçando antagonismos com os outros latinos.

Para isso, no plano metodológico, fez-se fundamental a realização de questionários, realizados com alunos de diferentes turmas, para entender o que os mesmos entendem sobre sua identidade latino-americana e a identidade nacional, esse trabalho foi realizado na Escola Professor Antônio Valmir da Silva (Figura 1). Após os questionários, também será utilizada uma abordagem com fontes primárias memoriais, que foram obtidas a partir de vivências na escola no decorrer do último ano, no qual atuei trabalhando diversas temáticas que colaboram para o entendimento da identidade nacional e latina dos alunos, como a religião e a etnia. Além disso, será trabalhado com a abordagem da teoria das representações sociais (SÁ, 2002) em cima dos questionários e das memórias relatadas.

Figura 1 -

EEEP Professor Antônio Valmir da Silva



Fonte: João Marcos Tavares Cabral, 2018.

A escola se localiza no município de Caucaia, na região metropolitana de Fortaleza, a Escola Estadual de Educação Profissional Professor Antônio Valmir da Silva foi inaugurada em 25 de junho de 2011. As escolas profissionalizantes contam com uma ótima infraestrutura e equipamentos atualizados, além disso, as mesmas são consideradas um sucesso na educação tanto comum quanto profissional, resultando em um rápido crescimento de seu número em todo o Estado do Ceará.

Atualmente, a escola oferece quatro cursos profissionalizantes com carga horária de 5400 horas cada, estes cursos são: Eletromecânica, Edificações, Administração e Logística, além de também possuir turmas de um curso que foi trocado, o curso de Paisagismo.

Com tudo o que foi dito até então, cabe ressaltar que apesar de sua relevância na construção de uma identidade nacional ou qualquer outra, a Geografia e a Geografia Escolar não são os únicos saberes responsáveis pelo problema que será investigado. A construção da identidade nacional e o afastamento do brasileiro da identidade latino-americana possuem outras causas, no entanto, será investigado aqui o papel da Geografia Escolar no assunto em questão.

O primeiro capítulo procura falar sobre como a Geografia e a Geografia Escolar foram utilizadas para a construção de uma identidade nacional, e abordar como se deu essa ênfase nessa construção no ontem e no hoje.

O segundo irá abordar a construção da latinidade e como o Brasil se encaixa nela, além de procurar explicar as razões que causaram nosso afastamento dessa identidade.

Enquanto que o terceiro capítulo irá enfatizar as razões que tornam importante o acolhimento da identidade latina, além de abordar os resultados dos questionários e as representações sociais possuídas pelos alunos sobre a identidade nacional brasileira e a latina. Por fim, após isso será a conclusão.

2. A NAÇÃO À FRENTE: A GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

Existe um vício comum em muitos de nós que consiste em muitas vezes enxergarmos o mundo de agora como natural e imutável, um produto de leis que levaram ao atual estágio de desenvolvimento e que não poderia ser de outra forma. No entanto, esse vício acaba por ocultar muitas vezes o caráter histórico de muitas ideias e noções presentes nos dias de hoje.

A ideia de nação é uma delas, o estado-nação aparece hoje como uma instituição que sempre esteve presente da mesma forma em todos os estágios da humanidade, e chegamos ao ponto de falar em uma “nação francesa” no século XIII ou mesmo antes. Fala-se de nação como se a nação de séculos atrás fosse a mesma existente hoje, no entanto, a ideia de nação foi construída e é, além disso, uma construção demasiado recente. Chauí (2001) aponta o nascimento da ideia de nação apenas em 1830, esta concepção foi formada ao longo destes séculos pelos mais diversos meios, e é possível destacar, dentre eles, a escola:

Na escola, todos nós aprendemos o significado da bandeira brasileira: o retângulo verde simboliza nossas matas e riquezas florestais, o losango amarelo simboliza nosso ouro e nossas riquezas minerais, o círculo azul estrelado simboliza nosso céu, onde brilha o Cruzeiro do Sul, indicando que nascemos abençoados por Deus, e a faixa branca simboliza o que somos: um povo ordeiro em progresso. Sabemos por isso que o Brasil é um “gigante pela própria natureza”, que nosso céu tem mais estrelas, nossos bosques têm mais flores e nossos mares são mais verdes. Aprendemos que por nossa terra passa o maior rio do mundo e existe a maior floresta tropical do planeta, que somos um país continental cortado pela linha do Equador e pelo trópico de Capricórnio, o que nos faz um país de contrastes regionais cuja riqueza natural e cultural é inigualável. Aprendemos que somos “um dom de Deus e da Natureza” porque nossa terra desconhece catástrofes naturais (ciclones, furacões, vulcões, desertos, nevascas, terremotos) e que aqui, “em se plantando, tudo dá (CHAUÍ, 2000, p. 11).

Dentre os exemplos apontados pela autora referentes ao que a escola dá ênfase na construção da identidade, vemos um grande foco dado às bênçãos naturais do território brasileiro, e essa escolha de exemplos relacionados à natureza não é acidental. Na verdade, se dá pelo fato de que, historicamente, a natureza foi a encontrada como símbolo da identidade nacional. Ou seja, apesar da escola como um todo ter um papel importantíssimo na construção da nacionalidade brasileira, um elemento de destaque dessa identidade é um terreno propriamente geográfico. Sobre esse ponto, Sousa Neto (2000) aponta:

A considerar essas questões poder-se-ia afirmar que boa parte dos símbolos da identidade nacional, construídos aqui durante e após a construção do Estado, estão eivados de geograficidade. Porque na ausência de uma história da nação e em um país de capitalismo tardio como o Brasil, era preciso recorrer a imagens geográficas e aos mitos de origem ligados à própria natureza (SOUSA NETO, 2000, p 15).

A imensidão das riquezas naturais do Brasil também se tornará, historicamente, justificativa para o projeto de construção do estado nacional de Vargas. Segundo Araújo (2017), Vargas irá recorrer ao *edenismo* do território brasileiro para legitimar sua tentativa modernista, o Brasil era uma espécie de paraíso com potencial para se tornar a mais gloriosa nação da terra, e era necessário apenas que o país trabalhador retirasse a riqueza da terra, para isso era preciso que o país se modernizasse.

É válido ressaltar ainda que é justamente no período Vargas que se dá a fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Para a realização da

modernização, era necessário conhecer o território brasileiro, e a Geografia aparece então como instrumento.

Vemos que a Geografia dispôs de um papel importantíssimo na construção dessa identidade nacional, identidade esta construída de maneira peculiar, no qual o território foi utilizado como o fundamento da nacionalidade. Em outras palavras, o território foi utilizado para legitimar a unidade territorial. Acerca disso:

Capítulo singular da história do capitalismo: a formação da nacionalidade brasileira. Obra de conquista territorial, de apropriação do espaço, de exploração do homem e da terra. Da construção de uma sociedade e de um território. De uma sociedade que tinha a construção do território como elemento de identidade (MORAES, 1991, p. 96 apud SOUSA NETO, 1991, p.17).

A construção e a ênfase nesse fundamento identitário se deu por uma razão histórica. Tanto para Portugal como para o Império Brasileiro que o sucedeu, era necessário manter a unidade nacional a todo custo, unidade esta que ameaçava se dissolver. Seja na Revolução Pernambucana de 1817 ou nas subsequentes revoltas que ocorreram no período regencial, a unidade nacional brasileira sempre se viu em risco de se dissolver. Eventos como a revolta dos Farrapos (1835) são sintomáticos quanto a isso, visto que o sul do país chegou a passar quase uma década separado do restante da nação. Sobre esta questão, Silva (2018) aponta que:

Mas no desenrolar dos conflitos torna-se evidente o distanciamento de uma identidade nacional e o fortalecimento de um mosaico de identidades locais. Assim, eram mineiros, paulistas, baianos, pernambucanos, mas o reconhecimento enquanto “brasileiros” mantinha-se distante da compreensão do povo (SILVA, 2018, p. 56).

Neste sentido, Silva (2018) afirma que estes “localismos” eram vistos como um perigo para a manutenção da integridade do território, o que ameaçava fazer com que o país sofresse o mesmo destino de fragmentação da América Espanhola. Devido a isto, uma das investidas tomadas pelo estado brasileiro para construir uma identidade nacional foi a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em vista de criar assim uma história e geografia nacional capazes de fortalecer o pertencimento à nação.

Dito isto, como aponta Machado (1995), o pensamento geográfico brasileiro esteve desde o início associado a um compromisso pragmático, sendo um saber útil para a gestão do território, isso explica, segundo ela, o fato de a Geografia brasileira ser desde o princípio “voltada para dentro”. Acerca disso, Sousa Neto (2000) afirma que:

As razões possíveis estão no fato de que, à medida que a Geografia se constituía como disciplina escolar e prática científica no Brasil, o seu papel fundamental foi o de instrumentalizar de um lado a sanha expansionista das elites dominantes e de outro disseminar, por intermédio da escola, as diversas ideologias geográficas necessárias à construção de uma identidade nacional natural, aistórica (SOUSA NETO, 2000, p.16).

Isto é, não é impossível afirmar que o pensamento geográfico brasileiro esteve desde os seus primórdios associado à construção de uma identidade nacional, pois os saberes geográficos sempre estiveram associados a um pensamento pragmático, seja de legitimação e construção de uma identidade nacional ou de conhecimento do território para melhor aproveitá-lo.

Dito isso, é possível afirmar que os conhecimentos geográficos foram sempre demasiadamente vistos como instrumentos, e isso explicaria a Geografia “voltada para dentro”. Dessa forma, o Ensino de Geografia aparece como um reflexo dessa Geografia acadêmica, e a Geografia Escolar reproduziu por muito tempo os mitos construídos pela Geografia Científica em vista de construir uma identidade nacional.

No entanto, é fato que desde que se iniciou a renovação da Geografia na década de 80, o Ensino de Geografia e a Geografia Científica mudaram bastante, essas mudanças ocasionaram de que maneira transformações no que foi exposto até então?

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Geografia parece ter abandonado sua ênfase nas riquezas naturais do país como símbolo da identidade nacional, e o mito do edenismo parece ter sido deixado de lado. No entanto, os PCNs ainda têm como objetivo para o Ensino Fundamental: “Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país” (BRASIL, p. 7).

Ou seja, mesmo hoje a identidade nacional ainda parece como algo a ser perseguido pelas políticas educacionais, a escola e a Geografia aparentam ter na sua própria essência esta como uma de suas funções. No entanto, é possível afirmar com clareza que o Brasil, devido às circunstâncias históricas de sua formação, deu uma grande ênfase a esta questão.

Diante disso, não é anormal que uma identidade latino-americana tenha sido deixada de lado. Durante toda a sua história, o país procurou construir um forte fundamento nacional através da natureza, onde o território legitimou o território, e essa pode ter sido uma das razões que nos afastou da identidade latino-americana. A prioridade é a nação, e isto a História deixa claro, na busca de uma identidade, a nação vai à frente.

3. CONSTRUÇÃO DA AMÉRICA LATINA: IDENTIDADE, POESIA E GEOPOLÍTICA.

Para compreender melhor a razão pela qual o brasileiro não se enxerga como latino-americano é necessário primeiro compreender a origem do termo e o que ele significa. O conceito de América Latina deriva do de Latinidade, este último, segundo Quental (2012), teve como importante figura para sua formação o francês Michel Chevalier. Segundo Chevalier, a Europa se dividiria entre duas raças, os latinos do sul da Europa, católicos, e os anglo saxões do norte, protestantes.

Este conceito seria então uma justificativa francesa para uma maior participação na América. Assim como a França, a América também seria herdeira do legado romano e do catolicismo, o que justificaria então uma maior presença francesa na região em detrimento dos seus então rivais, os Estados Unidos e o Reino Unido, que seriam Anglo-Saxões.

Vemos então que a própria ideia de latinidade está estritamente ligada a uma certa *romanidade*, os países latinos seriam sucessores de um legado romano, que se manifestaria através da língua e da religião, e estas características permitiriam então pôr o Brasil no rol de países latinos, visto sua herança romana na religião e na língua.

No entanto, o latinismo francês e sua derivação, o *panlatinismo* que defendia uma unidade entre os povos latinos, apesar de uma provável influência, não foram os responsáveis, aparentemente, pela criação do conceito de América Latina que aparece pela primeira vez na obra do poeta colombiano José Maria Torres de Caicedo (FERES JUNIOR *apud* QUENTAL, 2012):

Más aislados se encuentran, desunidos, / Esos pueblos nacidos para aliarse: / La unión es su deber, su ley amarse: / Igual origen tienen y misión; / La raza de la América latina, / Al frente tiene la sajona raza, / Enemiga mortal que ya amenaza / Su libertad destruir y su pendón (CAICEDO *apud* QUENTAL, 2012, p. 65).

É perceptível então que em seu primeiro uso, o conceito de América Latina já é evocado como justificativa de união contra sua maior ameaça, que para o poeta seria o expansionismo territorial dos Estados Unidos (QUENTAL, 2012). Diante disso, é possível afirmar que a ideia de América Latina surgiu justamente para contrapor a “América Imperialista” que surgia no Norte, e o uso desse conceito como instrumento de unidade das frágeis repúblicas espanholas diante da ameaça não é novo.

Outros autores defenderam a ideia de América Latina enquanto diferente da do Norte, como apontado por Prado e Pellegrino, Jose Martí, escritor e revolucionário cubano, também clamou em *Nuestra América* (1891) para que os latinos superassem suas desavenças e se unissem contra os interesses expansionistas que surgiam no Norte. José Enrique Rodó também pensou a América Latina como algo diferente, pois via na América Latina uma forte herança espanhola que os fazia mais afeiçoados aos valores relacionados ao belo. No entanto, afirmava ele que a América do Norte era distinta devido ao seu apetite materialista e utilitarista (PRADO; PELLEGRINO, 2018).

Ou seja, o conceito de América Latina está estritamente associado a um uso para diferenciar os latinos dos EUA, e surgiu como um chamado de unidade contra um inimigo que surgia no horizonte, talvez justamente por isso o Brasil não se veja nele. A razão disso seria que a relação dos EUA com o Brasil, principalmente com o advento da Primeira República (1889), foi de admiração, e não é à toa que por muito tempo o país se intitulou República dos Estados Unidos do Brasil.

A Primeira República nasce aos moldes americanos, pelo menos é isso que aponta Moniz Bandeira (1978). Segundo o autor, após o nascimento da República:

O Brasil viveu momentos de delírio. Queria romper com tudo que lembrasse o passado. O radicalismo exacerbou-se. Pretendeu-se até mesmo expropriar as companhias estrangeiras e expulsar do país o capital europeu. As manifestações do nacionalismo, paradoxalmente, acompanhavam as tendências para a americanização do país. Uma comissão de cinco membros, sob a orientação e Rui Barbosa, elaborou a nova Constituição, uma cópia mais ou menos fiel da americana. Instituiu-se o federalismo. O país passou a chamar-se Estados Unidos do Brasil. E adotou-se, na primeira hora, a bandeira estrelada com listras aun-verdes, proposta por Lopes Trovão. A diferença consistia nas cores (MONIZ BANDEIRA, 1978, p. 133).

Diante do exposto até então, pode-se afirmar alguns fatores que serviram de obstáculo à identificação do Brasil com a América Latina, e o primeiro deles seria a escolha de um mito fundador. Ao escolher a natureza como símbolo, o país também escolheu um aspecto particularmente ufanista, *gigante pela própria natureza*, o país era único, e nenhum outro possuía a potencialidade e riqueza do Brasil. Ao selecionar os aspectos territoriais como matriz da identidade, o país ignorava o principal fator que nos unia com as repúblicas hispano-americanas: as características culturais dos povos.

Outro fator que pode ser afirmado é de natureza geopolítica, o conceito de América Latina aparece muitas vezes como um chamado de proteção lançado por outros países, e o Brasil se orgulha de possuir a maior extensão territorial da América do Sul e conseqüentemente uma soberania sobre a região, o que o faz ver essa necessidade de cooperação como desnecessária. Além disso, sua relação com os EUA e seu histórico de resistência a ele foi diferente da de outros países da América do Sul, este fato fez com que a *alteridentidade* latina fosse considerada inútil, exceto como instrumento de intervenção e liderança sobre outros latinos.

Por fim, outro aspecto que nos afastou da identidade latino-americana foi a ênfase na identidade nacional. O país sofreu várias vezes tensões relacionadas à sua unidade e, por muito tempo, as identidades regionais e estaduais se sobressaíram com relação à nação, o estado não se deu ao luxo de permitir uma associação maior entre o Brasil e seus irmãos latino-americanos pois poderia servir para abastecer a ânsia separatista. Neste sentido, a nossa *alteridentidade*

latino-americana no Brasil nunca foi muito cultivada, na verdade, foi vista como um possível perigo por muito tempo. No entanto, cabe ressaltar que a dificuldade e estranhamento não significam necessariamente impossibilidade, tendo em vista que algumas vezes o Brasil procurou em nível institucional um diálogo com países latinos.

Dito isto, com relação às parcerias com esses países, é válido destacar a importância das recentes tentativas brasileiras com os países latinos, dentre elas o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). Como apontado por Menezes e Filho (2006), apesar de terem sido guiados à mesma direção devido as necessidades mundiais e regionais de maior integração, o MERCOSUL aparece como uma novidade histórica entre os quatro vizinhos que o originaram. Novidade esta que ganha ainda mais valor quando se tem em mente que essa integração tem como membros os mesmos que lutaram na Guerra do Paraguai (1864) em uma grande disputa geopolítica do continente (MENEZES E FILHO, 2006).

Nas últimas décadas, através do MERCOSUL, o Brasil de fato aumentou sua integração com outros países latinos. Além disso, a renovação da Geografia causou consequências também na Geografia Escolar, que se afastou dos moldes positivistas e descritivos.

Teriam sido esses fatos capazes de impactar a nossa relação com essa *alteridade* latina conflituosa ou a escola permanece, apesar de todas essas mudanças, reproduzindo conhecimentos que fortalecem este conflito?

4. ALTERIDADE E REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS DA AMÉRICA LATINA

4.1 Cooperações regionais, identidades nacionais e intercâmbio cultural

Até agora foi falado sobre a participação da Geografia na construção de uma identidade nacional e como esse construto acabou, por diversas razões, nos afastando de uma *alteridade* latino-americana.

Entretanto, sobre esses temas, fazem-se necessárias duas ponderações. A primeira é simples, e diz respeito à relevância da Geografia nesse processo, pois é importante frisar que a Geografia, apesar de ter possuído papel importantíssimo na

construção da identidade nacional, não é a única responsável pela construção de identidades, pois é apenas uma entre as disciplinas que compreendem as Ciências Humanas, e estas últimas são uma pequena parte do espaço escolar, um grande formador de identidades que ainda assim compete com diversos outros meios.

A segunda reflexão necessária se refere a um importante aspecto. Falou-se da dificuldade em acolher a *alteridentidade* latino-americana, mas não tratou-se de o porquê ela deve ser acolhida.

Cabe então citar algumas razões, existem as intenções obviamente mercadológicas como o aumento do intercâmbio de mercadorias entre os países da região, é possível citar também o fortalecimento do intercâmbio cultural entre os países e o fortalecimento de uma identidade regional.

Este fortalecimento da identidade regional é um objetivo fundamental nos tempos modernos, esta *alteridentidade* pode ajudar no combate a um nacionalismo exacerbado que vem florescendo em diferentes regiões do planeta.

Pode-se encontrar exemplos recentes como o antagonismo existente nos EUA entre alguns setores da população branca e os imigrantes latinos, este ódio ocorre devido a não identificação e até mesmo a repulsa completa que alguns americanos sentem com relação a identidade latina. A rejeição aos latinos é tão grande que leva alguns radicais extremos a cometer massacres contra as populações latinas (O GLOBO, 2019).

Como apontado por João Feres Jr. (2003), o próprio conceito de Latina América é um contraconceito assimétrico, criado para se referir pejorativamente a aqueles que não pertencem a sua comunidade. Este conceito foi criado nos EUA para reforçar a ideia de separação entre as duas Américas: uma civilizada, desenvolvida e branca de uma América negra, campestre e subdesenvolvida.

Talvez o melhor exemplo de fortalecimento de uma identidade regional contra antagonismos nacionais seja a atual União Europeia. Como apontado por Hobsbawn (1994), diante da inevitabilidade de um renascimento Alemão no pós-guerra, a França fortaleceria seus laços econômicos com a Alemanha para fazer de uma guerra entre os dois países praticamente impossível, e dessa decisão nasceu a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). Esta comunidade foi a primeira de uma série de instituições e acordos que colaboraram para formar a atual

União Europeia, que possui até hoje como seu núcleo a parceria Franco-Germânica, fruto de uma tentativa de fortalecer laços regionais e assim enfraquecer as ânsias nacionalistas que procuravam reavivar as rivalidades. (HOBBSAWN, 2003, p. 258).

4.2 Tensões Identitárias na Escola Prof. Ant. Valmir da Silva

Em diálogo com o tópico anterior, que trata do acolhimento da latinidade, e com o objetivo de compreender melhor a relação dos alunos com a noção de latinidade e o impacto da atual Geografia Escolar no assunto, decidiu-se coletar uma amostra na Escola Estadual de Educação Profissional Professor Antônio Valmir da Silva, através de questionários.

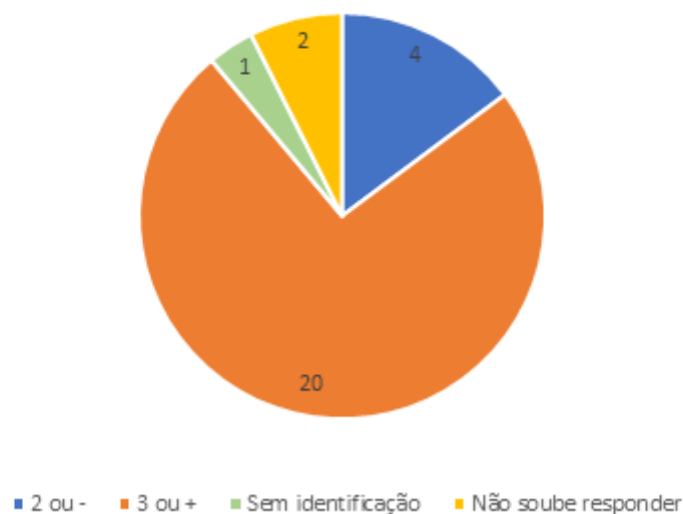
Quanto aos questionários, foram aplicados cerca de trinta questionários dos quais vinte e sete foram respondidos, sendo realizados por alunos do primeiro e segundo ano de diferentes cursos da escola.

O questionário possuía o total de oito questões que tratavam de diferentes temas como a identificação dos alunos com a América Latina e seus conhecimentos sobre a América Latina no geral. Além disso, procura-se entender também o que seria, para os alunos, o aspecto principal que identifica o Brasil e a identidade nacional brasileira.

O primeiro item do questionário tratava sobre a identificação do aluno com diferentes grupos, ao aluno era pedido que marcasse de um a cinco, sendo que um representava identificação mínima ou nenhuma e cinco a identificação máxima. Com relação a identidade latina, vinte alunos marcaram de três ou mais, quatro marcaram identificação de dois ou menos, um sem identificação e dois não souberam responder. Ou seja, mais de 70% dos alunos se identificaram como latinos, como aponta o gráfico. (Figura 2)

Figura 2 -

GRAU DE IDENTIFICAÇÃO COM LATINIDADE



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Entretanto, a principal conclusão que se pode retirar das respostas é interessante. Apesar de vinte alunos, 70% do observado, se identificarem como latinos, desse montante apenas oito alunos ou 40% dos que se identificaram como latinos tiveram a identidade latina posta como primeira ou segunda opção, enquanto que 60% dos alunos colocaram uma identidade além da brasileira como mais importante que a latina, na maioria, a identidade de “Cidadão do Mundo” prevaleceu sobre esta.

No segundo item foram dados aos alunos alguns aspectos brasileiros, e assim como na questão anterior eles deveriam marcar de um a cinco sobre o quanto esse aspecto representava o Brasil ou a identidade nacional brasileira. O principal destaque desse item é o fato de vinte e um alunos, 77% do total, terem marcado como três ou superior as riquezas naturais como aspecto fundamental da identidade nacional brasileira e o Brasil, esse aspecto também foi o mais marcado com cinco e superando também em relevância para os alunos a questão da miscigenação, marcada como três ou mais por 66%.

A questão tratada até então da ênfase atribuída aos aspectos naturais para a construção de uma identidade nacional brasileira permanece ainda viva na mente de muitos alunos. Apesar de não mais aparecer em documentos ou versões

oficiais, a Geografia colabora para manter viva a crença no *edenismo* brasileiro viva e forte, pois é a principal disciplina responsável por apresentar aos alunos o espaço brasileiro, que legitima essa noção.

Os itens três e quatro abordaram respectivamente os seguintes tópicos: Se os alunos conheciam algo sobre outros países latino-americanos, o que conheciam mais e que elementos e quais países eles se sentiam atraídos ou incomodados. Dentre a parcela que conhecia, surge frequentemente o México, Argentina e Venezuela como mais conhecidos, com destaque para a cultura e o futebol, enquanto a Venezuela é lembrada constantemente devido a sua crise política. O que mais surpreende nesse item é a existência de uma parcela de 30% de alunos que não conhecem absolutamente nada sobre nenhum país latino-americano.

Dentre os países que mais agradam os alunos, a Argentina e o México aparecem frequentemente, a cultura é o aspecto que mais atrai os alunos a este último país. Já nos países que mais incomodam surgem constantemente Venezuela e Cuba, um devido a sua crise e situação política e o outro pela sua miséria e ditadura.

A partir do quinto item até o oitavo, foram feitas afirmativas ou perguntas onde os alunos deveriam marcar se concordam completamente, parcialmente, não concordam nem discordam, discordam parcialmente ou discordam completamente. O quinto item perguntava aos alunos se eles acreditavam que era importante estudar sobre a América Latina, e todos os alunos marcaram que concordavam, completamente ou parcialmente.

No sexto item os alunos deveriam dizer se acreditavam ser importante que alguém se identificasse como latino-americano, 74% dos alunos concordaram completamente ou parcialmente. O item também perguntava a justificativa da escolha de tal item, onde a maioria optou por não responder. Entretanto, a maioria dos que justificaram marcaram a opção nem concordo e nem discordo ou concordo parcialmente. Segundo eles, a identificação da pessoa com a identidade latina é relativa e varia de acordo com a escolha da pessoa e não é necessariamente obrigatória.

O sétimo item perguntava aos alunos se eles acreditavam verem muitos conteúdos relacionados a América Latina nos livros didáticos e nas aulas, 44% dos alunos discordaram parcialmente, 22% não concordaram nem discordaram e 33% afirmaram concordar parcialmente ou totalmente com a afirmativa. (Figura 3)

Figura 3 -



Fonte: Elaboração do autor (2019).

O oitavo item questionava aos alunos se eles eram capazes de perceber elementos latino-americanos na cidade ou o bairro onde vivam, 48% concordaram parcialmente ou totalmente, 18% discordaram completamente ou parcialmente e 33% não concordaram nem discordaram, a principal justificativa para marcar esse item era de que eles não possuíam conhecimentos o suficiente sobre a América Latina para afirmar isso.

A partir dos dados coletados nos questionários é possível confirmar algumas assertivas lançadas no trabalho, pois percebemos que o mito do edenismo e a ênfase nos aspectos naturais brasileiros ainda aparece muitas vezes como característica marcante do ideal de nação brasileira, mais do que outros muitas vezes enfatizados e que são marca da identidade latina, como a miscigenação.

Além disso, também aparece o fato de a identidade latina brasileira se apresentar de maneira estranha. A maioria dos alunos possui uma identificação com a latinidade, mas essa identificação é muitas vezes deixada de lado por outras identidades, e esse fato expõe algo evidenciado pela pesquisa citada no início do trabalho: a fluidez do brasileiro com a latinidade.

4.3 As representações sociais dos alunos sobre o Brasil e a América Latina: experiências docentes na Antônio Valmir

Para enriquecer os dados coletados até então, esta parte será dedicada ao uso da teoria das representações sociais, onde procurarei, através das vivências que obtive na escola, exibir as representações construídas pelos alunos sobre o apresentado até então.

Entretanto, antes disso é necessário expor os instrumentos conceituais pertencentes a essa abordagem, além de também expor o que seria a teoria. Segundo Moscovici, fundador dessa teoria:

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais, podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981, p. 181 apud SÁ, 2002, p 31).

O psicólogo Celso Perreira de Sá chama essa citação de Moscovici de “comentário”, onde ele afirma que Moscovici sempre hesitou em apresentar uma definição precisa sobre as representações sociais, pois julgava que uma definição poderia acabar resultando em uma redução de seu alcance conceitual (SÁ, 2002, p 30-31).

Além disso, segundo Sá, outra noção de representação também foi proposta por Abric em 1976: “O produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real com que se confronta e lhe atribui uma significação especial” (ABRIC, 1976 apud SÁ, 2002, p 54).

Ou seja, a partir do exposto, é possível pensar nas representações como uma forma de se enxergar determinado objeto, vista por um grupo específico e que atribui a ele um significado.

Além disso, deve-se expor também outro conceito fundamental ligado à teoria das representações sociais: o conceito de núcleo central. A tese do núcleo central trata da organização de uma representação social, segundo ela:

A organização de uma representação apresenta uma característica particular: não apenas os elementos da representação são hierarquizados, mas além disso a representação é organizada em torno de um núcleo central, constituído de um ou de alguns elementos que dão a representação o seu significado (ABRIC, 1994, p. 19 *apud* SÁ, 2002, p. 62).

Essa tese defende a existência de um núcleo que compõe a parte principal da representação, e sua alteração implica na alteração também da representação. A teoria defende que esse núcleo está cercado de outros elementos que ela chama de periféricos (SÁ, 2002).

É importante ressaltar que as representações sociais apresentam dois aspectos distintos, são estáveis e móveis, rígidas e flexíveis. Isto se dá pois as representações sociais são marcadas por dois aspectos, o núcleo central que é tratado como estável, coerente e rígido, ligado propriamente a memória coletiva do grupo e consensual, esses fatos dão a representação estabilidade. Ao mesmo tempo, as representações periféricas são flexíveis, suportam contradições e a heterogeneidade de diversos grupos, além de se adaptar constantemente a realidade concreta, estes fatos são representados pelo sistema periférico, que dá a representação seu caráter dinâmico (ABRIC, 1994, p. 78-80 *apud* SÁ, 2002, p. 73-75).

Vale ressaltar que, apesar de um papel importante, a existência do núcleo central não permite que sejam negligenciados os elementos periféricos da representação social.

A partir do exposto até então, pode-se evidenciar as representações sociais percebidas nos alunos. O primeiro fato que pode-se perceber é que as riquezas naturais, ou seja, os aspectos territoriais parecem se comportar como o núcleo central nas representações dos alunos. A consensualidade, exposta pela

quase unanimidade de alunos que evidenciaram as riquezas naturais como aspecto extremamente relevante na identidade nacional brasileira evidencia isso. Além do que a rigidez com que essa ideia é usada, desde os tempos imperiais tanto como na Era Vargas, configura-a como ponto central da mitologia que funda a nação, demonstrando o caráter estável desse núcleo utilizado em diversos períodos de nossa história.

Outro fato que chama atenção diz respeito às representações acerca da América Latina. Em primeiro plano, choca que cerca de 30% dos alunos não tenha absolutamente nenhuma visão sobre outros países latinos ou os elementos que o compõem. Entretanto, os outros alunos que falaram sobre países e a América Latina no item denotaram uma série de questões relacionadas à cultura, a língua espanhola, as crises políticas, etc. Torna-se difícil, então, afirmar a presença de um núcleo central nas representações dos alunos, e pode-se dizer que a representação social latina dos alunos se comporta de maneira não-autônoma, sendo este o nome dado por Flament para designar as representações que não se organizam em torno de um núcleo central (FLAMENT, 1989 *apud* SÁ, 2002 p. 68).

Em outras oportunidades, teve-se a chance de conversar com os alunos sobre algumas temáticas relacionadas ao Brasil, como a questão racial e a religiosa, onde muitos alunos apontaram-se como Católicos e mestiços. Esse ponto merece destaque, pois é possível ressaltar que, como levantado até então, a *alteridade* latina não é inexistente, pelo contrário, como apontado pelos questionários, os alunos se identificam como latinos, o problema é que essa identificação deles com a região é vista como secundária.

Isto se dá, pois, estes elementos relacionados a religião e a raça, elementos eminentemente latinos, estão na periferia da representação que os alunos possuem sobre o Brasil, e a ênfase na identidade nacional brasileira dada por eles é justamente nos aspectos territoriais e naturais. Essa rigidez do núcleo central esbarra com a flexibilidade da representação que os mesmos têm dos latinos, focada muitas vezes em aspectos culturais. Para sustentar essa afirmação, é possível evidenciar o fato de que 66% dos alunos que apontaram como menos de três a relevância de aspectos naturais na identidade brasileira e se focaram em aspectos culturais como a religiosidade, a mestiçagem e as festividades latinas,

acabaram por colocar a identidade latina como prioritária ou secundária. Esse resultado é relativamente alto quando comparado ao total de alunos que puseram a identidade latina como primária ou secundária, apenas 29%.

Ao que parece, a ideia das grandezas naturais do Brasil atua como obstáculo na identificação como latino. Todo brasileiro é ensinado que seu país é, ou deveria ser, uma das maiores nações do mundo devido as suas riquezas naturais. Esse nacionalismo ufanista acaba por nos afastar da nossa principal ligação com o restante da América Latina: a cultura, que colabora para a formação dessa *alteridentidade* latina conflituosa onde o brasileiro muitas vezes pode até se enxergar como latino, mas vai, ao mesmo tempo, se ver como maior que eles.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual momento, a América Latina vive um período conturbado de crises políticas, econômicas e sociais, os fantasmas dos golpes políticos e militares voltam a assombrar o continente (O GLOBO, 2019). Esta situação política abre margens para o surgimento de nacionalismos políticos, nacionalismos estes que o Brasil corre mais risco de ser vítima devido a sua *alteridentidade* conflituosa com o ser latino, devido a isso acredito que é importante um fortalecimento de uma identidade regional para combater o fantasma do radicalismo que volta a ameaçar a o continente.

A *alteridentidade* latina brasileira é conflituosa e fluída, o brasileiro apresenta uma relação singular com ela e isto se deve a várias razões e muitas delas derivam desde o nosso surgimento enquanto nação, a Geografia, através da construção de mitos nacionais voltados para o território acabou por desprezar muitos elementos que compõem nossa latinidade e os deixando de lado, em prol de uma unidade territorial estável.

Entretanto, no mundo de hoje se faz necessário pensar em uma escala mais abrangente que a nação, o mundo se encontra cada vez mais interligado e, ao não enxergar o que o outro tem de nosso, abre-se o caminho para discursos que revelam um nacionalismo exacerbado e que ameaça, através de um ufanismo radical, engolir toda a diversidade em prol de uma unidade fictícia.

Dessa forma, é dever da escola, esta grande construtora de identidades, contribuir através dos mais diversos meios, inclusive da Geografia, para a formação de uma identidade nacional saudável, que abandone os mitos destrutivos e demasiadamente nacionalistas e que utilize os mais novos saberes geográficos ao invés de se apoiar em antigos.

O Brasil de hoje não possui mais a necessidade de reprimir revoltas separatistas mantendo a unidade territorial com a espada, pensar em formas de enxergar nossa latinidade é pensar o Brasil de agora, que possui novas exigências e que não pode se manter preso a um discurso *edenista* e ufanista.

O núcleo central de nossa representação social de nação precisa ser revisto, a Geografia e a Geografia escolar devem atuar por meio de um incentivo ao pensamento crítico, aspecto fundamental educação, dessa forma é válido ressaltar que apesar de existir outros reprodutores das noções aqui expostas, a Geografia ainda possui sua carga de culpa por permitir que estes mitos passem de maneira despercebida e acrítica.

Por fim, é dever de a Geografia combater os mitos que ela ajudou a construir, os mitos *edenicos*, estes mitos ao enfatizar demasiadamente um aspecto tornam outros nebulosos, a Geografia mesmo hoje contribui em parte para o afastamento do brasileiro de sua *alteridentidade* latino-americana, apesar de não se focar tanto nisso como em períodos passados.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, G. C. C.. **A busca pelo fundamento simbólico da identidade nacional brasileira na era Vargas. INTERESPAÇO: REVISTA DE GEOGRAFIA E INTERDISCIPLINARIDADE**, v. 3, p. 80, 2017.

BANDEIRA, L. A. V. M.. **Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história**, ed. 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 497 p.

CHAUÍ, M.. **Brasil: mitor fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação perseu Abramo, 2007.

O GLOBO. **Crise econômica e deterioração social desafiam estabilidade de governos da América do Sul**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/crise-economica-deterioracao-social-desafiam-estabilidade-de-governos-da-america-do-sul-24013775>>. Acesso em 23 de novembro de 2019.

HOBBSAWN, E.. **A era dos extremos: o breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LACOSTE, Y.. **A Geografia. Isso Serve em Primeiro Lugar Para Fazer a Guerra**. ed 19 Campinas: Papirus, 1988.

O GLOBO. **Latinos que moram nos EUA relatam 'vida com medo' após massacres**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/latinos-que-moram-nos-eua-relatam-vida-com-med-o-apos-massacres-23857008>>. Acesso em 22 de novembro de 2019.

MACHADO, L. O.. **Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, os espaços vazios e a idéia de ordem**. In: CASTRO, Iná Elias et al. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p.309-353.

MENEZES, A. M.; PENNA FILHO, Pio. **Integração Regional: os Blocos Econômicos nas Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. MEC/SEF, Brasília, 1998.

OLIVEIRA, C. D. M.. **Caminhos da Festa ao Patrimônio Geoeducacional: Como Educar sem Encenar Geografia?**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 237 p.

PORTO-GONÇALVES, C. W.. **A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha**. In: Ana Ester Ceceña. (Org.). Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado. 1.ed.Buenos Aires: Clacso, 2006, v. , p. 151-197.

QUENTAL, P. A.. **A Latinidade do conceito de América Latina**. GEOgraphia (UFF) , v. 14, p. 46-75, 2012.

SÁ, C. P.. **Núcleo Central das representações sociais**. 2.ed Petrópolis, Vozes. 2002.

SILVA, M. E. F.. **A construção da identidade nacional nos livros didáticos de Geografia**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, p.56. 2018.

SOUSA NETO, M. F. **A Ciência Geográfica e a Construção do Brasil**. Terra Livre, São Paulo, v. 15, p. 09-20, 2000.